



## FLORA DE TREPadeiras EM CERRADÃO E FLORESTA ESTACIONAL DECIDUAL NO BRASIL CENTRAL

Alexandre Ferraro - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Campo Grande, MS. Ana Carolina de Souza Brito - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Campo Grande, MS. Vivian Almeida Assunção – Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ. Vivian.bios@gmail.com Igor Vinicius Ramos Otero - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Campo Grande, MS. Ângela Lúcia B. Sartori - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Campo Grande, MS.;

### INTRODUÇÃO

Florestas tropicais apresentam grande diversidade fitofisionômica caracterizada em diversos estudos com base nos hábitos de crescimento associados a fatores ambientais (Ribeiro & Walter 2008). O hábito arbóreo-arbustivo geralmente é relevante na classificação, mas outros hábitos também são importantes em formações abertas (campos) ou matas com predomínio de lianas (Mata dos Cipós), representadas por plantas herbáceas e trepadeiras, respectivamente (Engel *et al.* 1998, Filgueiras 2002). Espécies trepadeiras possuem funções determinantes na comunidade vegetal de formações florestais (Engel *et al.* 1998), onde sua flora é influenciada por diversos fatores bióticos e abióticos. Estudos realizados na Serra de Maracaju permitiram classificar duas formações florestais adjacentes em floresta estacional decidual e cerradão com base no componente arbóreo-arbustivo (Assunção 2011) e herbáceo-subarbustivo (Brito 2012).

### OBJETIVOS

O presente estudo visa caracterizar a riqueza de trepadeiras em formações florestais na Serra de Maracaju e verificar como as trepadeiras contribuem na classificação dessas fitofisionomias.

### MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi realizado em encosta de escarpa localizada na Serra de Maracaju com cerca de 500m de altitude, em Jaraguari, Mato Grosso do Sul. Foram plotadas oito parcelas de 25 x 50m horizontais divididas entre floresta estacional decídua (1-4) e cerradão (5-8). A similaridade florística foi obtida pelo Índice de Similaridade de Jaccard (Müller-Dombois & Ellenberg 1974) e dendrograma com a média de grupo (UPGMA).

### RESULTADOS

No total foram encontrados 14 famílias, 24 gêneros e 55 espécies, das quais 13 espécies foram compartilhadas entre as duas formações. Dioscoreaceae e Fabaceae (nove) se destacaram como as mais representativas, seguidas de Sapindaceae (oito) e Malpighiaceae (cinco). As relações florísticas entre parcelas foram expressas em dendrograma formado por dois agrupamentos vegetacionais, com correlação cofenética de 0,75. O grupo I agregou as parcelas 5, 7 e 8 (S=28,57) e o II as parcelas 1-4 e 6 (S=20,39) e dentro deste grupo formou-se dois subgrupos: o III com as parcelas 4 e 6 (S=30) e o IV com as parcelas 1-3 (S=23,79).

## DISCUSSÃO

A riqueza de trepadeiras das formações estudadas apresentou maior prevalência de Fabaceae, que possui a maior riqueza em savanas (Schrire *et al.* 2005); e Sapindaceae, predominante em diferentes domínios biogeográficos (Guarim-Neto & Santana 2000). Dentre as famílias representativas, presença de Dioscoreaceae e ausência de Bignoniaceae são antagônicas a estudos equivalentes em cerradão e floresta estacional (Filgueiras 2002, Rezende & Ranga 2005) e, possivelmente resulta da proximidade entre formações distintas e áreas transicionais, oriundas na história evolutiva do Cerrado (Pinheiro & Monteiro 2010). A prevalência acentuada de Dioscoreaceae na floresta estacional decídua pode resultar de relações florísticas com mata ciliar próxima, já que também é prevalente em matas ombrófilas (Rodal & Sales 2007). O agrupamento de trepadeiras assemelhou-se em sete das oito parcelas distribuídas na encosta quando comparado ao trabalho de Assunção (2011) para o hábito arbóreo-arbustivo. O grupo de trepadeiras em comum ao cerradão contém as parcelas 5,7 e 8 e a floresta estacional decidual 1,2,3,4. A parcela 6 uniu-se ao grupo representado pela floresta estacional decidual, com mais proximidade à parcela 4. A parcela 4, dentre as demais presentes na floresta estacional, é a única localizada em área de transição entre as duas formações estudadas, o que provavelmente favorece a ocorrência de espécies comuns às duas fitofisionomias. As parcelas analisadas se agruparam, em sua maioria, de acordo com as fitofisionomias e de forma similar a outros hábitos de crescimento, como arbóreo-arbustivo e herbáceo-subarbustivo, o que reforça a importância para a classificação dessas formações florestais considerando inclusive a flora de trepadeiras, aspecto pouco considerado.

## CONCLUSÃO

A flora de trepadeiras estudada difere de formações equivalentes em outras regiões do país, o que sugere peculiaridades na Serra de Maracaju, possivelmente associadas à sua história evolutiva. Essa flora contribui na classificação das formações ao corroborar com outros hábitos na mesma área.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Assunção, V.A. 2011. Florística, fatores edáficos e fenologia reprodutiva de árvores e arbustos em encosta da Serra de Maracaju, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS. Brito, A.C.S. 2012. Flora herbáceo-subarbustiva em formações florestais no Brasil Central, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS. Engel, V.L.;

Fonseca, R.C.B.; Oliveira, R.E. 1998. Ecologia de lianas e o manejo de fragmentos florestais. Série Técnica IPEF, 12 (32): 43-64. Filgueiras, T. 2002. Herbaceous plant communities. In: OLIVEIRA, PS. & MARQUIS, RJ. The cerrado of Brazil: ecology and natural history of a Neotropical savanna. New York: Columbia University Press. p. 121-139.

Guarim-Neto, G.; Santana, S.R. 2000. A família Sapindaceae para a Flora do estado de Mato Grosso do Sul, Brasil. III Simpósio sobre Recursos Naturais e Sócio-econômicos do Pantanal – Os desafios do Novo Milênio. Corumbá, MS.

Müller-Dombois, D.; Elleberg, H. 1974. Aims and methods of vegetation ecology. New York: Willey e Sons.

Pinheiro, M.H.O.; Monteiro, R. 2010. Contribution to the discussions on the origin of the cerrado biome: Brazilian savanna, Braz. J. Biol., 2010, 70 (1): 95-102.

Rezende, A.A.; Ranga, N.T. 2005. Lianas da Estação Ecológica do Noroeste Paulista, São José do Rio Preto/Mirassol, SP, Brasil, Acta bot. bras. 19(2): 273-279.

Ribeiro, J.F.; Walter, B.M.T. 2008. As principais fitofisionomias do Bioma Cerrado. In: Sano, S.M., Almeida, S.P. de, Ribeiro, J.F. (Eds), Cerrado Ecologia e Flora. Embrapa-Cerrados, v.1 Planaltina, pp. 151-199.

Rodal, M.J.N.; Sales, M.F. 2007. Composição da flora vascular em um remanescente de floresta Montana no semi-árido do nordeste do Brasil, *Hoehnea* 34(4): 433-446.

Schrire, B.D.; Lewis, G.P. & Lavin, M. 2005. Biogeography of the Leguminosae. In: Lewis, G.P.; Schrire, B.; Mackinder, B. & Lock, M. *Legumes of the World*. Royal Botanic Gardens, Kew. p. 21-54.